

ENTREVISTAS

AZIZ AB´SÁBER¹

Primórdios da Geografia

O nome mais extraordinário num passado mais remoto, da década de 20 do século XIX, foi Saint-Hillaire, que deixou uma obra fantástica. Numa época que só os naturalistas alemães é que faziam incursões pelo mundo tropical, Saint-Hillaire foi um momento nas observações sobre o País no começo do século XIX. Antes não dava para entrar no Brasil porque existiam leis portuguesas que barravam a entrada dos cientistas no Brasil. O maior drama que houve foi quando Humboldt não pôde entrar no Brasil, ele ficou só andando pelos Andes e por outros lugares e deixou muita obra boa. Depois do Saint-Hillaire vieram muito espaçadamente alguns franceses para áreas diferentes, etc., mas depois houve a chegada de grupos para a Amazônia e, alguns deles precisam ser notados, deixaram obras importantes sobre a Amazônia durante o ultimo ciclo da borracha, e finalmente tem o caso particular de Pierre Denis, que foi indicado lá na França por um grupo que queria fazer uma geografia universal.

Houve um patrocínio por parte das pessoas que tinham dinheiro e mandaram jovens recém-formados vindos das universidades francesas para o mundo inteiro e quem veio para

¹ Professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. Entrevista Realizada em 19 de janeiro de 2005, realizada por Laís Mourão e Alexandre Nascimento e Silva.

o Brasil foi o Pierre Denis. E ele escreveu a parte que diz respeito à Amérique del Sur, a América do Sul como um todo. Evidentemente, um livro só sobre a América do Sul como um todo não foi o suficiente para ser detalhado, mas de qualquer maneira ele deixou muitos conhecimentos. Procurou ver mapas da época, enfim ele fez um apanhado da América do Sul. Gostou tanto que no fim se empregou na Venezuela e fez uma carreira de economista lá. Por isso que ele não é muito lembrado pelos geógrafos universitários, porque ele debandou da geografia para a economia, e no que tange à economia da Venezuela, ele é um dos líderes do monetarismo e da valorização da moeda venezuelana. Na década de 1960, já bastante idoso, ele escreveu *Lês jours e lês metiês*, “Os dias e os trabalhos”. E nesse livro ele lembra o passado dele de formação geográfica e depois a transferência para a área econômica e financeira lá na Venezuela. Disse coisas interessantíssimas sobre a Geografia, que a Geografia que ele aprendeu facilitava as andanças solitárias pelo mundo, que preenchia partes do espírito. E olha que ele fala pouco sobre o Brasil nesse livro (Aziz comenta que o leu parcialmente em francês porque já estava com a visão debilitada).

E vai daí que a conjuntura universitária estabelecida no Brasil desde o século XIX com as faculdades de Direito, quando surgiram oficialmente duas faculdades de Direito, uma em Olinda e a outra em São Paulo. E a trajetória da faculdade de Direito de São Paulo foi a trajetória de uma pequena universidade, porque os muitos filhos de fazendeiros ricos não tinham outra chance, tinham de entrar na faculdade de Direito de São Paulo, então ela se tornou um pólo de atração de jovens do Brasil inteiro, de norte a sul. Essas faculdades sozinhas não tinham força para abranger todas as áreas das ciências humanas, e por outro lado ela participou da Revolução de 32 e a reinterpretação feita depois dela. Ela podia ter seguido outros rumos e outros caminhos, em função da ascensão de Getúlio e do término da Revolução

Constitucionalista de 32. Algumas elites que conheciam as universidades da Europa, uma das primeiras conhecidas foi a de Coimbra, lá em Portugal, inclusive toda aquela fase nacionalista importante que houve em Minas foi baseada em gente que estudou lá. E as outras foram as universidades e instituições francesas. Resultado: essas elites que conheciam Coimbra e Paris resolveram fundar dentro de um governo esclarecido, a do Armando Salles de Oliveira, uma universidade real em São Paulo. Então há uma história prévia à fundação da Universidade de São Paulo. Foi a maneira que se passou a ter mais educação superior, mais diversificada e verdadeiramente um conjunto integrado de ordem universal. Para tanto, resolveu-se que as faculdades isoladas do passado, ou seja, a Faculdade de Direito, a Faculdade de Medicina, que era de meados da 1ª década do século passado, Faculdade de Odontologia, de Enfermagem, etc. que isso tudo fosse aglutinado a uma nova instituição mais abrangente, e que dentro dessa instituição mais abrangente, setores das ciências humanas, das ciências naturais e das ciências básicas como Física e Matemática fossem melhor trabalhadas.

Esse foi o objetivo fundamental da fundação da universidade. Que ela tivesse uma abrangência para estudos mais aperfeiçoados, mais especializados em diversas áreas. Nas Ciências Humanas, História, Geografia, Ciências Sociais, Psicologia e, intermediando essas com outras, Economia e Administração; e depois Química, Física e Matemática. Para a área de Ciências Humanas é que vieram os professores franceses, que praticamente influenciaram toda esta área. Boa parte se pensou também para a Economia, mas também já havia outras raízes, de forma que não foi uma participação tão grande, e, além disso, houve também uma influência norte-americana. Da outra banda, a Química, a Física e a Matemática vieram alemães e na Biologia também. Aliás, a Biologia era uma parte dos estudos da Faculdade de Medicina. Havia alguns brasileiros que se notabilizaram, como o Paulo

Sawaya, dentre outros. Na Física vieram italianos e na Matemática houve uma certa influência de portugueses, italianos e brasileiros que já estavam numa fase boa de conhecimento.

Esqueci de dizer anteriormente que já existia a Faculdade Politécnica. A de Medicina e a Politécnica eram as maiores no fim do século XIX e início do século XX. Mas por que demorou para se fazer a Faculdade de Medicina? É porque os médicos de São Paulo trabalhavam em casas de repouso, então se fosse fundar uma faculdade de medicina com esses médicos, eles já estavam profissionalizados e não eram didatas, não eram professores. Então havia os grandes médicos que conheceram e trabalharam na França, isso já era uma tradição como o Louis Pasteur e o pessoal do Rio de Janeiro com o Oswaldo Cruz, etc. Então esses médicos demoraram para aceitar a idéia de uma faculdade para ela nascer bem. E aí eles trouxeram os estrangeiros juntos, sobretudo italianos. Quando mais tarde, em 1915, houve a fundação da Faculdade de Medicina, trouxeram engenheiros de fundações dos Estados Unidos pra fazer aquele prédio bonito na Avenida Paulista.

Inicialmente eles ficaram na Rua Tobias de Aguiar e curiosamente os médicos italianos ficaram furiosos com a fundação da Faculdade de Filosofia, foi o primeiro choque e assim começou uma história de mudança de lugares. Não dava para ficar no mesmo espaço que a Medicina, depois ela se estruturou bem junto com a escola de Saúde Pública, então a Faculdade de Filosofia passou a ter os mais variados sub-setores para ela funcionar, a Física funcionava num par, a Química e a História Natural, a Geologia e a Paleontologia na Alameda Glete, depois as Ciências Humanas foram para onde eu estudei, cinco anos depois da fundação da faculdade todos estavam no 3º andar da escola Caetano de Campos, sendo que veio o segundo conflito que se processou entre os diretores da Escola Normal e a Faculdade de Filosofia. Eles não conseguiam entender como o 3º andar ficava com a Faculdade de Filosofia.

Então, o começo foi cheio desses conflitos que abalaram muito a faculdade. Nós, por exemplo, para entrarmos no 3º andar, tínhamos de entrar calmamente porque a diretora era furiosa, (embora o auditório que era da escola utilizado em momentos especiais ficasse na Escola Normal) estranho!. O começo da Faculdade de Filosofia foi dentro dessa conjuntura de inserir as Ciências Humanas junto das Ciências Biológicas, Químicas, Físicas e outras para que houvesse mais opção científica especializada e formação profissional diversificada. Isso tem um problema que sobrou até hoje, deu-se muita atenção à especialidade e isso está custando muito. Estou propondo um tipo de educação no sentido de trabalhar com essa interdisciplinaridade.

Falando das Ciências Humanas, foi enviada uma pessoa² para a França para falar sobre as nossas necessidades em recursos humanos e lá ela entrou em contato com um cientista muito acatado em Paris. Ele indicou várias pessoas jovens e talentosas e dentre esses jovens talentosos eles escolheram: Pierre Monbeig, Roger Bastide, Paul Auguste Bastide e um grande filósofo que não vou me lembrar do nome agora³. Mas de um modo mais curto vieram algumas personalidades de áreas de Ciências Humanas que podem ser consideradas extraordinárias. Nas Ciências Geográficas veio por algum período o grande geógrafo da Sorbonne, Emanuel D'Martonne. É bom saber que ele foi um talento tardio em relação à Geografia, mas se entranhou de toda a Geografia, sobretudo Física, Geomorfológica e Fitogeográfica, etc. Ele era uma pessoa da área militar, que

² O professor da Faculdade de Direito Teodoro Ramos foi enviado à Europa, em 1933, para trazer docentes para o Brasil no intuito da criação de uma universidade articulada pelo governo do Estado, do interventor Armando Salles de Oliveira e patrocinada pela família Mesquita, dona do jornal O Estado de São Paulo. N.E.

³ O filósofo em questão foi o Émile Brehier, vindo com a primeira missão francesa em 1934.

fazia cartografia na área militar e quando o Vidal de la Blache começou as campanhas para melhorar os estudos de Geografia na Sorbonne, ele mandou chamar o D'Martonne, que já era uma pessoa reconhecida pelo seu talento e a sua capacidade. Para a felicidade nossa o D'Martonne passou pelo Brasil aqui em São Paulo. Portanto, mesmo que a Universidade de São Paulo estivesse em seu início, era uma fonte de atração.

Mais do que isso foi a vinda eventual do Fernand Paul Braudel, que era considerado um dos maiores historiadores da Europa inteira. Então tivemos dois nomes de pessoas que não ficaram muito tempo, mas que deram um arranque muito importante, sobretudo na pesquisa de campo e na pesquisa histórica, ora incentivando, ora fazendo. O D'Martonne fez pesquisas de campo na Serra do Mar, no Vale do Paraíba e na Serra da Mantiqueira. Escreveu um trabalho *Lês grands morfologiques du (?) Brésil tropical antique* (As grandes morfologias do Brasil tropical antigo). Este trabalho é um monumento, ele está traduzido na Revista Brasileira de Geografia, mas o original apareceu durante a Guerra. Outra coisa é que no decorrer desses anos, de repente, vem a Segunda Grande Guerra e interrompeu-se o envio de publicações, até mesmo dos mestres iniciais para o Brasil. Então, por vias muito especiais e diplomáticas, um professor francês que estava no Rio de Janeiro conseguiu que esse trabalho chegasse ao Brasil, lá pelos anos de 1942. Chegou e depois foi traduzido e publicado. Foi o professor francês Francis Ruellan, que foi um dos poucos que veio para o lado do Rio de Janeiro e que era um notável professor, que conseguiu trazer a revista *Annales de geographie*, que era o livro da Sorbonne para o Brasil, para podermos ter acesso ao trabalho do mestre Emanuel D'Martonne.

Entre os outros que vieram no começo está Pierre Deffontaines. Esse era extremamente animado, uma pessoa fisicamente sofrida, ele não tinha um braço, perdido na guerra. Era muito exuberante, falava bastante, conseguia influenciar os

alunos e os colegas de trabalho. Então ele escreveu várias coisas produzidas na área de Regionalização, uma série de trabalhos importantes que ficaram registrados. E ao que parece foi ele quem incentivou a fundação de uma sociedade parecida com a que eles tinham, a Associação dos Geógrafos Brasileiros, dentro do esquema francês. Por muito tempo essa associação foi muito reduzida e muito difícil o seu acesso. As pessoas podiam entrar, mas como sócias iniciais. Somente quando a pessoa trabalhava e começava a produzir é que ela podia ser transferida para sócia efetiva.

Isso por muito tempo afetou um pouco os alunos, que gostariam de ser sócios como todos os outros. Eu entrei como sócio inicial e logo depois que produzi os primeiros trabalhos diretamente me transformei em sócio efetivo. E logo depois fui guinado à condição de secretário da AGB, o que mostrava que era uma questão de hierarquia de trabalho e não de hierarquia discriminatória. Mas isso teve uma consequência muito séria porque algumas pessoas que se sentiram mal por não entrarem como sócias efetivas, mais tarde, destruíram a AGB do passado, essa de Pierre Deffontaines, de Pierre Monbeig e outros. E fizeram uma AGB bem generalizada, que passou a ser mais dos alunos que dos professores. Embora a gente respeite muito isso, foi uma degradação um pouco por vingança. E um dos que corroboraram muito com isso foi o Milton Santos. Ele tentou entrar na AGB quando ainda não tinha um grande nome e se sentiu muito mal por não ser um efetivo. Isso é só para vocês saberem um pouco dos conflitos internos que ocorreram.

Outros professores também vieram para cá, antes e depois da fase Monbeig: o Jean Gaget, o Roger Bastide, por pouco tempo. Quem ficou bastante tempo foi o Claude Levi-Strauss, que teve um desempenho muito importante. O Pierre Monbeig é que ficou durante toda a guerra, por saudades imensas e também para não perder contato com a universidade francesa depois da guerra. O Jean Gaget chegou a ficar enlouquecido durante a

guerra. Eu conheci um psicanalista que teve de catar o Jean Gaget por causa da loucura que se instalou na cabeça dele devido à invasão nazista na França. “Eu não podia imaginar que um país pudesse invadir a França!” Foi um episódio que marcou muito e eles estavam presos aqui. Então o Gaget voltou pra lá e perdeu a trajetória de vida dele, sofreu problemas neuróticos muito sérios por causa da guerra. O Monbeig mais calmamente passou pelo tempo, sofrendo também, mas depois da guerra foi embora. Foi embora não para Paris, teve de ir para onde acharam um lugarzinho para ele, em Estrasburgo. E lá ele desenvolveu um trabalho sério, mas por pouco tempo. Daí surgiu a figura de Jean Tricart, que odiava todos aqueles que vieram do exterior. Ele era um grande geomorfologista, fundamental para nós, mas não era muito amigo dos que visitavam regressandos. Então, resumindo, Claude Levi-Strauss, Roger Bastide, Pierre Monbeig, Jean Gaget, Jean Maugué, o filósofo (Émile Brehier). Ah, e teve um deles que foi para a Faculdade de Economia que eu não me lembro o nome⁴, muito simpático e gentil, um dia ele chegou e disse: “professor Aziz, será que a descoberta do manganês na Serra do Navio não vai transformar o Amapá numa Minas Gerais?” Vai ter conseqüências, no começo ele estava otimista com a modificação das cidades e eu fui bastante cuidadoso ao dar a minha opinião para ele.

Outras pessoas vieram depois do Monbeig por tempos curtos. Começaram a vir alguns franceses que mantiveram um contato com a USP e a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Então veio o professor Roger Dion, o professor Louis Papy, aliás, antes do Dion e o terceiro, um grande tropicalista, Pierre Gorou. São os três nomes que em épocas diferentes vieram pra cá. Muito mais tarde veio o professor Jean Tricart (década de 1950), por

⁴ O professor François Perroux lecionou na economia no período inicial da FFCL (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras).

algum tempo fazer conferências, mas não foi professor da casa. Sobre o Roger Dion, eu devo dizer a vocês o seguinte: ele veio depois dos professores franceses que tinham voltado e ele imaginava que a universidade que tinha sido deixada pelos professores era uma coisa fantástica, como as universidades francesas, e não era. O núcleo dela ainda era pequeno, as salas de aula tinham de 15 a 20 alunos, e ele sentiu que estávamos numa transição, entre a euforia do surgimento e o futuro, que era uma interrogação. E um dia ele falou isso para gente: “Senti que eu estou chegando num momento de rebaixo da participação da universidade”. Por outro lado, eu assisti às aulas deles e achei engraçado que nenhum deles conhecia o Brasil. O resultado é que eles tinham de dar cursos sobre assuntos que nada tinham a ver com o Brasil.

Os Trabalhos de Campo

O professor Dion deu um curso que eu gostei muito sobre a trajetória dos vinhedos no Mediterrâneo. Foram seis meses dando esse curso. Mas notem bem que o Dion, em compensação, procurou conhecer um pouco o Brasil, dentro de suas possibilidades. Eles não ganhavam muito e também não tinham carro, não tinham guias nem nada. Então o Dion procurava entender São Paulo. Ele ia todo o fim-de-semana, mas não tinha muita facilidade de relações humanas, não tinha amigos, porque os que podiam ser amigos dele tinham um pouco de constrangimento porque ele era um grande homem e nós éramos nada. Então o Dion percorreu a cidade de São Paulo inteira daquela época, na segunda metade da década de 1940.

Um dia ele se referiu em aula a uma dessas pesquisas que estava fazendo dentro da cidade de São Paulo e nos disse o seguinte: “eu estou convencido de que há uma diferença muito grande do que aconteceu no transporte do Brasil e o que

aconteceu no transporte na Europa. Lá houve um arcaico período do cavalo, do cavaleiro, etc., depois um período muito grande e importante em que se elaborou a primeira rede de caminhos da França, que foi o período da carruagem, muito amplo. Logo depois veio o trem e por último vieram os carros. E eu aqui em São Paulo percebi que vocês passaram do ciclo do cavalo diretamente para o ciclo do bonde elétrico (o professor Aziz lembra que os bondes elétricos chegaram em São Paulo no ano de 1938), não tiveram o da carruagem. Então por isso mesmo o jogo das ruas periféricas de São Paulo, sobretudo o que eu pude observar no alto da Penha, tem dois traçados - um linear, onde o pessoal que não tinha sensibilidade subia e descia com o cavalo e o outro, quando veio o bonde elétrico, que precisava fazer uma volta enorme pra chegar no mesmo lugar lá em cima”. Achei fantástico isso porque depois eu fui observar na Casa Verde (bairro paulistano) e em outros lugares que realmente é assim, contorna os morros para chegar devido ao bonde elétrico.

E lá em Santos, em 1924, eles fizeram aquele trezininho que sobe o Monte Serrat, que é uma exceção, um sobe enquanto o outro vai descendo, copiando o que já existia em Portugal, que por sua vez tinha importado a técnica da Alemanha. Então essa coisa do Roger Dion me impressionou muito e divulguei. Mas uma pessoa pegou essas idéias e botou em um trabalho sem citar nem o Dion, nem a mim. É triste e eu não perdôo plágios assim. Tem de dar créditos a essas coisas, sobretudo porque foi uma observação que nunca nós iríamos fazer porque nós não conhecíamos a Europa. E ele veio de lá com seus conhecimentos e percebeu a diferença que existia, achei fantástico isso. O Dion tinha esses problemas dos cursos que ele preparava e depois fez essas observações da mancha urbana de São Paulo.

Depois veio o professor Louis Papy. Ele teve um grande entrosamento com o Araújo, que era meu grande amigo, uma espécie de compadre intelectual, e outros professores que abrem

algumas discussões. E entre as discussões, falou-se muito do litoral. O Araújo tinha feito uma tese sobre a região de Itanhaém. E ele foi para Itanhaém, depois foi para Ubatuba e começou a se assenhorear do conhecimento do litoral paulista. Até que escreveu um trabalho: *À marge de l'empire d'café* (À margem do império do café). Tudo que se deseja saber a respeito dos ciclos do café eram pelos planaltos adentro. E o litoral ficou com o porto de Santos e Itanhaém, Peruíbe, Cananéia, Ubatuba e Caraguatatuba. Então esse trabalho é a primeira visão do litoral num momento que antecedeu à descoberta turística da praia e da enseada. O trabalho dele representa a situação encontrada nas décadas do fim do período do café no planalto e ao mesmo tempo antes que os espaços todos, do belíssimo litoral paulista, sobretudo no seu setor norte, fossem abocanhados pela especulação imobiliária. É interessante isso, é um outro mundo o litoral. Eu viajei uma vez com o professor Papy e o Araújo para Itanhaém e depois para a região de Ubatuba.

Os caminhos eram os da época. Já existia a estrada de ferro, que era super utilizada pela população paulistana, o meio mais fácil de se chegar em Santos, e existiam outros caminhos mais rústicos, ao sul, para na direção de Itanhaém, e caminhos para Bertioga, mas aí não existiam pontes, quase por toda a parte tinha balsa para atravessar. A industrialização da Baixada não tinha começado. Cubatão, por exemplo, começou nos fins da década de 1950, e começa a se constituir um distrito industrial intermediário entre São Paulo e Santos, porém na base da Serra do Mar. Também nessa época já tínhamos um “que” dos que nós aprendemos, era o nosso espírito ambientalista. Os professores franceses tinham fantásticas forças (forças?) culturais, mas eles não tinham, pelo menos não revelavam, o lado ideológico, direita ou esquerda, nem o lado ambientalista. (ele cita um exemplo de aula em francês, citando-os de forma naturalista, mas pouco engajada, crítica). Imaginem que isso hoje, comparado com a

Amazônia e os planaltos interiores de São Paulo, não se pode adotar como fatos que não recebiam críticas.

Isso foi um dos poucos efeitos que senti, quando já estava num nível intermediário entre a especialização. Porque naquele tempo não existia mestrado, era bacharel, um ano para se formar em licenciado, depois dois anos de especialização com um pequeno trabalho de campo. Só muito mais tarde o doutorado, eu me lembro bem quando fiz a primeira parte do curso, de 1940 a 1943. Em 1944 fiz a licenciatura, com cursos das mais variadas ordens da educação normal, com alguns educadores muito ruins, herdados dos tempos que havia apenas Escolas Normais. Alguns muito ruins mesmo. Os professores brasileiros tinham muita vontade de participar dessa nova universidade e, às vezes, não eram os melhores, em vários campos.

Na área de licenciatura não houve estrangeiros, mas existiram pessoas notáveis do Brasil. Curiosamente era uma coisa de altos e baixos. Eu me lembro de uma professora de Sociologia da Educação, fantástica, mas depois tinha um professor que trabalhava numa escola secundária e era ruim toda vida. Felizmente ele foi arranjar uns assistentes que já estavam recebendo aulas melhores, e aí foi gradualmente se modificando e chegando hoje ao que é a Faculdade de Educação. Começou muito triste. Então eu fiz em 1944 a licenciatura e em 1945 e 1946 eu não encontrava emprego nenhum para dar aula. Fiz a especialização e o doutorado só em 1956, quase dez anos depois.

Quando eu vim pra São Paulo, tinha 17 anos. Esse foi o meu problema, porque todos os meus colegas de Caçapava fizeram o serviço militar lá e eu vim para São Paulo para fazer o vestibular e ao mesmo tempo tive de entrar no serviço militar aqui. E tive o azar de cair no 6º grupo de artilharia de torsos. Precisei transportar canhões em burrinhos e sofri muito com dores renais, quase morri.

Mas voltando aos professores franceses, depois do Dion e do Papy, veio o grande especialista em regiões tropicais, Pierre Gorou. E eu, como sempre, assistia às suas aulas, de todos que vinham. No caso do Roger Bastide, eu ia assistir as conferências porque era da área de Ciências Sociais e não tinha um acesso privilegiado. E as conferências eu vivia anotando um programa de atividades fora das aulas. Ia assistir conferências no Auditório da Biblioteca Mário de Andrade. Eu me lembro que uma delas era do Sergio Milliet, diretor da escola na época. Tinha alguma qualificação na área de interpretação de obras de cultura e fez uma conferência super elitista sobre isso e quem estava presente nesse dia: Mário de Andrade, foi a 1ª vez que eu conheci, Oswald de Andrade, Ronald de Carvalho, entre outros, assistindo à conferência dele, que aliás não foi boa.

Também na escola Caetano de Campos voltou uma vez o Fernand Braudel, que eu também conheci pela primeira vez anos depois de ter se retirado, e veio também um intelectual pós-período da Grande Guerra, famoso na França por algum tempo. Ele veio fazer uma palestra sobre a sociologia do útero, fazendo uma interpretação da liderança do Hitler na Europa. Alguns moravam no interior, assistiam às aulas e iam embora. Depois desse período todo, o grande acontecimento para a Geografia brasileira e de certo modo, para a que era feita em São Paulo, foi o Congresso Internacional de Geografia no Rio de Janeiro. Lá tinha o IBGE e dentro dele, o Conselho Nacional de Geografia, que recebeu os primeiros alunos de geografia na antiga Universidade do Brasil. E esses alunos também se incentivaram, entre eles, muito cedo, o professor Orlando Valverde, dentre outros. Então o reflexo da Universidade do Brasil se fez no IBGE, no setor geográfico que se chamava Conselho Nacional de Geografia.

Muita coisa aconteceu, como a fundação da Revista Brasileira de Geografia, em 1949. Formação dos primeiros níveis e alguns também tiveram contatos com escolas americanas. Daí surgiu

uma pessoa extremamente detalhista e muito trabalhadora, o Hilgard O'Reilly Sternberg, que não ficou no conselho, ficou como professor na própria Universidade do Brasil, e o Orlando dava aulas na Universidade do Brasil e uma participação foi ligada ao Conselho Nacional de Geografia. E o Hilgard, fiel aos princípios da hierarquia universitária, para fazer o doutorado dele escolheu uma região da Amazônia, ao sul de Manaus. Tem um paraná que servia de região de abastecimento alimentar para Belém, no tempo que os produtos vinham de muito longe para Manaus. Nos dois lados havia palafitas e algum tipo de cultura, hortaliças e tal, mas, sobretudo, a pesca no paraná. E o Hilgard então fez a tese lá na região no começo da história da chegada das aerofotos, tinham feito a aerofotografia da região de Manaus e pegaram esse Paraná. Ele achou que servia de espaço para o seu primeiro trabalho importante, depois ele fez vários outros sobre o Pantanal e a Amazônia mesmo.

Mas foi o Jurgert que teve que, no Rio de Janeiro, planejar a XVIII Reunião Internacional de Geografia⁵. Foi um momento na história da Ciência Geográfica. Pela primeira vez pessoas do mundo inteiro vieram para o Brasil desesperadamente para conhecer melhor o nosso País, não só as capitais, como foi o caso de muita gente, por ordem cultural ou turística, mas naquele momento não, vieram grupos de pessoas interessadas no conhecimento do Brasil, sobretudo os geógrafos franceses e um ou outro alemão, belga, norueguês, japonês ou italiano. E o Hilgard, espertamente, chamou o professor Aroldo de Azevedo, ex-aluno da USP que já tinha feito uma carreira de professor. Eu assisti à tese dele, "Subúrbios Orientais de São Paulo", sobre a zona leste do passado. O professor Aroldo foi nomeado como diretor honorário, fizeram um jeito de colocá-lo numa posição alta, mas que não tivesse influência no detalhe congresso.

⁵ O professor se referia ao XVIII Congresso Internacional de Geografia, promovido pela UGI, em 1956. N.E.

E o Hilgard fez as sessões, arranhou os locais para as discussões lá na Escola Naval e outros lugares, e arranhou junto com o IBGE. Com os professores estrangeiros que estavam no Rio, ele organizou excursões regionais para a Amazônia, pelo Nordeste, Bahia, Rio de Janeiro e Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Brasil central e Pantanal mato-grossense. Pela primeira vez depois daquela história dos portugueses abrirem os portos, nós pudemos, por conta nossa, abrir os espaços para a pesquisa no Brasil. E isso é esquecido. E eu, que era jovem, mas já tinha sido secretário da AGB, já tinha publicado os meus primeiros trabalhos, devo dizer que foi uma dificuldade para aceitarem os meus primeiros trabalhos, porque eu era favorável à teoria de que Brasil e África estiveram unidos um dia e depois se separaram. Naquele tempo tinha gente que, por causa da influência dos Estados Unidos, não tolerava a idéia da separação da placas tectônicas.

Super depois, isso foi o que me salvou. (risos) Aí eu provei para aqueles que discordavam, era a teoria de Wegner. Mas a realidade da linha de fragilidade tectônica entre placas, que deu origem à tectônica e à separação, veio depois. A situação era inebriante. Eu fui fazer uma palestra na recém fundada Sociedade Brasileira de Geologia e caíram em cima de mim. Porque a tectônica de placas explica a orogênese andina, por exemplo, na medida que ela se afastou e lá tinha uma geocinclinal. Os materiais, que estavam por um lado, foram corrugados por tectônica. Diz-se que a geocinclinal tinha duas vezes e meia a três a largura atual dos Andes. Então imaginem que se fez do bloco brasileiro em relação à bacia de geocinclinal andina. Mas foi muito difícil a aceitação de idéias de Geomorfologia, nascidas e tecidas dentro do ambiente da USP, sobretudo do Departamento de Geografia, pelos que tinham herança da Escola de Geologia da Universidade de Ouro Preto, que foram os primeiros e vieram a ser bons professores da Poli.

O professor de Geologia era o famoso professor que morreu há poucos anos, com 99 anos, Otávio Barbosa. Ele criou alguns discípulos, dentre eles o famoso geólogo, o maior geólogo brasileiro do século XX, que passou por cima de todos os bancos originais da Faculdade de Ouro Preto e a Escola de Minas, Fernando Braga. Mas ele ficou furioso comigo. Por duas vezes ele teve encrencas comigo, primeiro por causa da tectônica dos continentes, a teoria de Wegner, e em segundo quando eu descobri terraços na região de São Paulo e ele cismou que não tinha terraços ali. Eu, como geógrafo, percorrendo muito São Paulo no velho esquema do Dion, achei terraços no Bom Retiro, na Lapa de baixo, lá perto da Penha, no Pari e toda essa parte de bairros mais antigos que estavam próximos às baixadas. E por fim eu descobri que a estrada de ferro Santos-Jundiaí, feita pelos ingleses... Primeiramente eles descobriram o terraço da margem direita do rio Tamanduateí e passaram a estrada pelo terraço. Só tinha de altear um pouquinho o setor onde passavam por córregos que vinham da Mooca ou de outros lugares. E o Fernando não concordava quando eu falava em Terraços, mas por que essa coisa? Porque naquele tempo não existia ainda uma ênfase nos paleoclimas e nas paleoecologias.

Quem trouxe isso foram dois cientistas que vieram durante 1956: Jean Tricart e André Cailleux, um grande sedimentologista francês de Paris e o Tricart, um mestre de Estrasburgo. E os dois começaram a observar fatos na estrutura superficial da paisagem que documentavam climas diferentes anteriores. Os geólogos tradicionais do Brasil não cuidavam dessa parte do quaternário. Para eles era só olhar no barranco as rochas que afloravam, mas a parte superficial dos solos, os detritos e os “stone lines” (linhas de pedra) ou mais abaixo dos terraços fluviais, não estavam na cabeça deles. E eu, como me encantei com as idéias do Cailleux e do Tricart, entrei nessa linha também: os paleoclimas e as paleoecologias passíveis de serem identificadas na história

do relevo quaternário brasileiro. Trabalhei com “stone lines” desde o Rio Grande do Sul e parte do Uruguai, até Roraima, e tentando ver coisas na própria bacia Amazônica, que é mais complicado, porque tem muita área sedimentar e nem sempre tem possibilidade de uma matriz de seixos de cascalhos para documentar um clima mais seco.

Mas a grande descoberta do Tricart depois de 1956, eu fiz duas ou três discussões com ele. Primeiro durante o congresso um colega que tinha sido excluído pelo Hilgard me procurou e disse: “Aziz, você não quer fazer uma discussãozinha com os professores franceses de geomorfologia? É por um dia, você deixa de ir ao congresso por um dia, mas vai fazer uma excursão porque eu acho importante”. Nos forneceram um ônibus para irmos até o Itatiaia, um pequeno ônibus onde foram Tricart, Cailleux, Jean Dresch, dentre outros. Depois todos eles fizeram pequenos trabalhos nos anais de Geografia discutindo se houve ou não glaciação em Itatiaia e dessa discussão resultou quase um número inteiro dos anais de Geografia. Mas eu então comecei pela primeira vez a ter noção da importância dos depósitos correlativos, que permite que eu faça ilações entre o mais recente que está em cima e o mais profundo que esta em baixo, para saber o que foi acontecendo na área de onde saiu o material. Esse conceito é fundamental, eu aprendi nessa época e usei bastante.

E também um outro que usou bastante, aos poucos, não queria ter influência francesa porque ele é de origem alemã, foi o João José Bigarella, do Paraná. Custou para ele se envolver com os paleoclimas, mas eu fiz um bom relacionamento com ele e nós fomos ver isso no campo e ele passou a se interessar por depósitos correlativos. O professor Tricart voltou em 1957, depois

⁶ Ele se referia ao geólogo e glaciologista Louis Agassiz, que fez uma expedição de estudos científicos em 1865, patrocinado até então pelo imperador Dom Pedro II.

desse congresso formidável, depois de ter percorrido áreas enormes do Brasil, as que ele pôde, de forma que eles repetiram um pouco aquilo que um grande glaciologista franco-suíço fez no passado⁶. A história dele é complicada. Ele veio ao Brasil e achava que descobriu depósitos glaciários, quando os depósitos glaciários que ele anotou eram os stone lines que o professor Tricart identificou. Ele veio a São Paulo em 1957 e eu fui com ele para a região de Sorocaba, passamos por toda essa área de São Paulo, Itu, Salto e depois fomos até Poços de Caldas e na primeira parada em que apareceram as “stone lines” ele virou para mim assim: “Aziz, você conhece bem o Nordeste. Pois bem, lá no Nordeste tem chão de pedras na caatinga de herbáceas, etc. Esta linha de pedras representa um tempo que deve ter sido parecido com aquele que você vê ainda hoje no Nordeste”. (empolgado) Fundamental essa descoberta! E daí eu comecei a me preocupar com todos os lugares que apareciam as linhas de pedras.

Fui até Roraima e encontrei apenas um lugarzinho de pedras, na Amazônia não descobri mesmo porque não tem, os depósitos sedimentares argilo-arenosos da formação barreiro não são suficientes para liberar nenhuma fase igual à daqui, de material detrítico de “stone line”. Eu aperfeiçoei o ensino das “stone lines” da seguinte maneira: toda vez que eu encontrava no barranco uma “stone line” num solo mais recente, eu chegava para os alunos e falava: “vamos fazer um ‘strip-tease’ do que está acima da linha de pedra pra descobrir que aquela linha, na realidade, é um chão que se estende”. E com isso eu fui passando para o lado didático e muita gente se interessou depois pela “stone line”. Passados alguns anos, eles nos tapeiam um pouco, muita coisa que a gente descobriu eles dizem que são eles que estão descobrindo agora. Também há uma noção da importância sobre os depósitos que estão acumulados nos leitos dos rios, nas planícies. Então, por exemplo, aqui em São Paulo tem camadas alumiais, flúvio-alumiais de pequenos lagos, na superfície da

várzea, na superfície da planície, tem dique marginal, mas embaixo tem grandes massas de areia, que em termos de depósitos correlativos representam um outro tempo.

Então eu coletei na USP, antes da formação da raia olímpica, alguns fósseis de vegetais semi-carbonizados, pedimos ao Bigarella que datasse, e o danado não me mandou a idade. Duas vezes na minha vida aconteceu isso, materiais coletados por mim, que pedi por favor que fosse mandado a especialistas e depois eram guardados os dados. Isso aconteceu um dia com restos de vegetação numa planície ao norte de Belo Horizonte e aqui na Cidade Universitária. Na hora do meu concurso de doutorado, o Bigarella: “pois é, mas a idade disso é de 42.500 anos, baseado nos estudos dos restos de árvores caídas no meio da várzea”. Eu disse: “Muito obrigado, afinal o senhor me mandou os resultados das nossas amostras”. Pois é, acontece de tudo na área científica.

E o de Minas foi pior, que eu fui com a madame Emperaire⁷, que era outra francesa extraordinária, mas na área de arqueologia pré-histórica. Ela me convidou para ir até a gruta da Lapa Vermelha, ao norte de Lagoa Santa, e eu fui. “Toma o ônibus e vem para Belo Horizonte que eu estou te esperando na estação”. Francês é muito pão-duro, eles vêm com verbas, mas na hora da gente fazer a colaboração “vai de ônibus” (risos). Levei quase meio dia para chegar lá e ela já estava me esperando no terminal: “vamos descer logo, vamos pegar um táxi até a lagoa na Lapa Vermelha”. E lá fiz dois estudos, do lugar onde morreu aquela jovem que teve os ossos diluídos no meio de uma bacia natural de água com lodo, então ela caiu ali e ficou por dentro do lodo e da água e foi se esstraçalhando nos diversos trechos do esqueleto, e muitas partes desapareceram mesmo. Sobrou a

⁷ O professor se refere à expedição que em 1974 encontrou o fóssil de Luzia, o mais antigo registro de Homo Sapiens brasileiro, chefiada pela antropóloga francesa Annete Lamming Emperaire.

cabeça, mas sem o queixo. (o professor conta que logo depois ela se hospedou na casa de um Deputado Federal paulista em Curitiba e após esquecer o gás ligado e adormecer, ela faleceu asfixiada). Então ela arranjou os dados sobre essas plantas fósseis de Minas e estávamos cavando a areia, quando um homem me mostrou uns tocos de árvores com os estudos prontos, com apenas 5 mil anos de idade. Mas na gruta o problema foi mais importante. A madame disse: “Provavelmente na boca dessa gruta (é uma boca suspensa, com uns 12 metros de altura) há uns blocos de calcário mais resistentes cheios de água lodosa”. Então ali que eles mexeram na água e encontraram o corpo dessa jovem, e ali eles calcularam que ela tinha 17 ou 18 anos e ela (a madame) ficava desesperada porque não tinha o maxilar, não dava pra estudar o crânio.

Depois o crânio foi parar no Museu Nacional e ficou por anos e anos e ninguém estudava. Aí esse rapaz da Biologia⁸ foi ao Museu Nacional e mandou fazer uma cópia em gesso, mandou para um legista na Inglaterra e ele fez a seguinte coisa, vejam como se faz ciência ainda hoje no mundo: o legista, não tendo a queixada, começou a estudar várias queixadas e botou uma de negro. E ajustou a de negro e depois disse: “como não posso saber como era as feições dos olhos, da orelha e da boca” juntou com aquilo que estava na queixada e disse que aquela era uma negróide. E o rapaz da Biologia aceitou isso como um fato e disse que os primeiros habitantes no Brasil foram negros. Vejam os problemas na história que acontecem na USP. Eu fiquei furioso, qualquer dia eu vou descrever essa minha ida com a madame, ela já estava viúva, mulher muito simples, muito agradável, depois da pesquisa que eu fiz lá na gruta, nos arredores, encontrei

⁸ Ele se refere ao antropólogo Walter Neves, que mandou o crânio para reconstituição para a Universidade de Manchester e que determinou a origem africana-aborigene, como sugere seu estudo. Luzia tinha aproximadamente 11.500 anos quando foi descoberta.

as “stone lines”, depois encontrei essas areias com essas formações residuais, quando chegamos no hotelzinho ela disse: “Hoje vamos tomar um vinho!” Era algum produto do trabalho (risos), foi o último encontro que nós tivemos. Tudo isso para que vocês saibam que da Geomorfologia para os paleoclimas nós temos um itinerário interdisciplinar importante na qual eu me relacionei.

Se eu sei que entre 22 mil e 12 mil e 700 anos atrás foi a glaciação final, ou seja, o último período glacial chamado holocênico, e nesse período quando as geleiras foram estocando gelo no Pólo Norte, no Pólo Sul e no alto das montanhas, o nível do mar teve de descer. O Ruellan, quando fez o estudo da Guanabara, o principal estudo dele, pensou que naquela época dava - 34 metros a descida. Depois, examinando o mundo inteiro, chegaram à conclusão que era - 95 - 100 metros. Nessa costa aqui de Bertioga, por exemplo, tinha um rio onde está o canal de Bertioga, bem escavado, e o mar estava bem longe, em - 95 metros. Isso significa dizer que, durante a glaciação, o nível do mar desceu e a corrente fria subiu. Foi a maior descoberta que eu fiz na minha vida. Comecei a pensar nisso: “o nível do mar está descendo, mas a água quente não vai prevalecer porque é período glaciário. Então a corrente fria que vem das Falklands (Malvinas) subiu até mais que o sul da Bahia e o resultado é que não deixou passar vento úmido. Daí que temos as ‘stone lines’ representando o chão pedregoso”.

Ultimamente eu tenho ido a esses redutos de cactáceas que tem aqui, sobretudo na região de Salto, onde eu pude verificar a presença de cactáceas entre “boulders⁹”, e algumas cactáceas recobertas por florestas, mostrando que primeiro vem os cactos e depois as florestas. Mas eu percebi uma segunda coisa, existem cerrados entre Itu e Salto, na depressão periférica. E esses

⁹ Fragmento de rocha com mais de 25 cm de diâmetro, apresentando, muitas vezes, formas esferóides, matacões.

cerrados, quando é que se formaram? É a minha pergunta! Então estabeleci mais ou menos a seguinte ordem na história vegetacional de Salto: provavelmente houve um clima seco e frio, e algumas espécies de caatinga conseguiram se estender muito, no esquema imaginado por Tricart, só que ele não sabia que era caatinga, ele dizia: “talvez caatinga, talvez cerradinhos”. Então com o estudo dos lajedos com cactáceas em Salto, eu cheguei à conclusão que realmente houve um clima frio e seco em que algumas espécies de cactos desceram até o Rio Grande do Sul. Tem Mandacaru no Rio Grande do Sul, em alguns pontos. E quando vieram os cerrados? Na minha interpretação, na medida em que o clima frio e seco começou a se modificar e ficou mais quente e com duas estações, e não com o clima semi-árido anterior, que tinha de seis a nove meses seco e depois alguns meses chuvosos. Mas à medida que os meses chuvosos começaram a ser mais torrenciais e outros meses secos continuaram a ser muito secos, vieram os cerrados.

Então aquela história, primeiro a caatinga, depois os cerrados e matas galerias junto com os cerrados, que sempre acontece, e depois a mata se sucedeu e tamponou sobretudo os cactos, onde quer que eles estivessem sido herdados. Eu chamei isso de “paleobscesto”, um clima novo apaga uma boa parte daquilo que foi construído na paisagem anteriormente e um terceiro clima apaga o segundo junto com o primeiro. Só que, no caso do cerrado, ele permaneceu num plano, porque os sedimentos dessa região entre Sorocaba são sedimentos novos que dão origem a solos pobres e o cerrado ficou no plano. Então, quando começa a parte rochosa de boulders, tem os cactos. E num dia desses eu fui a Salto, um japonês comprou um terreno nessa área dos boulders - eu fiquei contentíssimo quando essa pessoa me chamou até lá - pois voltei a estudar esses lajedos com esses boulders, os interstícios com Mandacaru e Xique-Xique, e o rapaz que tomava conta do terreno era do Nordeste e ele me disse: “olha professor, eu estou ouvindo o senhor falar essas coisas aí, mas

eu queria dizer que perto desses cactos aí que eu conheço bem lá no Nordeste, tem umas árvores que não são da mata não, são da própria caatinga”. Eu estou para voltar lá para tomar nota do número dessas árvores. Isso é uma coisa ocasional na pesquisa.

A Geografia na Ditadura

Quando nós mudamos da rua Maria Antônia para a Universidade devido aos acontecimentos relacionados ao Mackenzie durante 1964 até 1968, houve um período de grandes distúrbios, porque o pessoal das Ciências Humanas da Faculdade de Filosofia é encrenqueiro e às vezes radical. Esse José Dirceu, que hoje está lá em cima, agora autoritário, foi um dos homens que dirigiu o conflito contra o pessoal do CCC (Comando de Caça aos Comunistas). Hoje eu faço de tudo para esquecer isso porque o Mackenzie nos boicotou bastante, inclusive alguns colegas nossos da USP estão trabalhando no Mackenzie e ajudando a melhorar. Mas depois que veio essa crise, o pessoal da Engenharia do Mackenzie jogou bombas caseiras na porta do prédio da Maria Antônia. O governo estava estudando junto com as autoridades universitárias onde estava sendo construído o futuro prédio da Geografia e da História, embora o campus só tinha o prédio das Ciências Naturais e aquele prédio da antiga Reitoria lá embaixo. Nessa época, com aquele prédio maravilhoso e o professor Aroldo de Azevedo encantado com aquilo, houve muita briga por território. O pessoal de História queria grandes espaços, os geógrafos queriam grandes espaços, mas também precisavam espaços para laboratórios, para mapoteca, para desenhistas e outras coisas mais.

Vocês não conseguem imaginar como foi essa briga pelos espaços, mas no fim os geógrafos conseguiram muitos espaços e então o professor Aroldo, nesses novos espaços, fundou o Instituto de Geografia, diferenciado do departamento, usando todo aquele

vão entre as salas de aula da História e da Geografia, o vão para poder instalar setores da Geografia, subindo a rampa tem aquele primeiro mezanino. Ele pediu à reitoria que se mandasse construir vários pequenos setores com muros e vidraças e ali se instalou o Instituto de Geografia. Eu estava a toda nessa época, colaborando com o professor Aroldo. E eu tinha ficado entre 1959 e 1960 em Porto Alegre, onde trabalhei muito, estudei muito e aprendi muito sobre aerofotos. Então eu propus ao professor Aroldo: “vamos fazer três coisas”. Ao professor Aroldo disse que era impossível fazer os trabalhos de campo se não tivéssemos o documento aerofotográfico. “Mas é muito difícil”, ele disse. “É verdade, mas tem que ter”. O pessoal do Instituto Agrônomo de Campinas já estava trabalhando com isso. Tiraram fotos do Estado inteiro e havia um enorme arquivo. “E vamos ter um laboratório para Geomorfologia que não seja para sala de aula e vamos ter um laboratório de pedologia e sedimentologia, que a gente vai iniciar e depois vai escolher as pessoas adequadas”.

O escolhido foi o (Neto, José Pereira) Queiroz, só que ele foi um grande traidor. Organizei o espaço para ele e depois eu simplesmente não podia entrar no laboratório. E era fundamental para a Geografia Física e as Ciências interdisciplinares. O laboratório de Geomorfologia eu toquei, o arquivo de fotografias aéreas eu consegui que a Fapesp nos seus primeiros tempos, através de um diretor que era meu amigo, desse o dinheiro para eu comprar as fotos, e ainda fiz uma coisa ética: é que além de fundar um arquivo de fotografias aéreas, eu falei pra esse meu amigo da Fapesp para ele fundar um Departamento de Microfilmagem para os historiadores. Então se comprou da Kodak toda a aparelhagem e montamos na História, para eles usarem e também isso não foi aceito porque não foram eles que fizeram e nem se lembraram disso.

Esse negócio me deu um trabalho danado durante a ditadura porque uma moça chegou para mim e disse: “eu queria emprestar essa microfilmagem para eu microfilmар documentos antigos na

Biblioteca Nacional”. Eu disse: “como não, não estão usando bem mesmo e por quanto tempo você quer?” “Por 15 dias”. “Enquanto eu não achar nenhum substituto dentro da História para poder tocar isso aqui, eu autorizo você a levar”. Meu Deus, ela levou para o Rio de Janeiro e depois a Polícia Federal veio me procurar para saber como é que eu teria dado aparelhos para uma moça ir procurar documentos que era contra os militares no Rio de Janeiro. Eu tive de contar toda a história, fundei isso, e mais isso e mais isso e a moça é uma historiadora e ia fazer documentos na Biblioteca Nacional. Eles disseram: “É isso? Então está bom, mas eu quero que o senhor logo que puder vá à Reitoria para fazer um depoimento sobre os acontecimentos da Geografia e fale com a moça que fez a microfilmagem para depois fazer um depoimento para nós sobre o ocorrido”.

Mesmo porque ela era de uma esquerda radical, porque tinha muita gente que era de uma esquerda festiva, então estava tão deslumbrado pelo combate contra a ditadura que não podendo combatê-la, fazíamos isso nós professores. Independentemente que nós éramos homens de esquerda, mas não radicais, eu sempre trabalhei pelo social. O certo é que aquela moça não quis ir, e eu fui, e o cara estava lá com os documentos todos do processo que ele fez sobre a Geografia. e num certo momento eu disse: “pois é, eu queria dizer aos senhores que essa sua pergunta sobre o professor Pasquale Petrone é muito triste, vocês não conhecem bem o que é a Universidade, porque o professor Petrone é um dos orientadores mais notáveis que apareceram na USP e o professor X foi orientando dele. E os senhores interpretam orientação como orientação comunista, quando na linguagem da Universidade, orientador é aquele que orienta metodologicamente”. “Ah, é assim?” “Pois façam o favor de anotar”. “Mas houve uma reunião lá no Grêmio e o senhor compareceu como diretor do Departamento e estava sentado lá e de repente um aluno falou uma coisa que o senhor não gostou e o senhor protestou!” Eu disse: “Sim senhor!” (E explica a história).

Eu soube que haveria uma reunião onde estava o Queiroz e o Sinclair, que era amigo do (Francisco Capuano) Scarlato, e falando sobre a situação do País. Depois que terminaram a fala, eles eram contra aquela influência dos Estados Unidos na educação - tinha um educador americano que queria colocar o mesmo sistema de educação aqui no Brasil e a gente era totalmente contra -, eu disse: “Seja contra, mas com argumentos, senão nós perdemos”. Então uma pessoa se levanta lá do meio dos alunos e fala para o Queiroz e para o Sinclair, que era um aluno que eu achava que seria o futuro geógrafo do Brasil. Ela virou para o Queiroz e para o outro, o Queiroz ficou espantado, e ela disse: “O que os senhores querem que nós façamos a favor do seu tipo de ensino aqui na USP?” E eu lá atrás pedi a palavra e disse: “olha, nós estamos discutindo uma situação complicadíssima do nosso País, mas não admito que alguém vá perguntar em público para um professor o que vocês querem que ele faça!”

Silêncio, então se levanta uma portuguesa bem festiva e quase me bateu, não sei onde ela está, parece que voltou para Portugal. E a última cena que eu queria contar a vocês, porque pouca gente sabe, naqueles laboratórios que eu organizei, ou seja, arquivos de fotografias aéreas, geomorfologia, pedologia e sedimentologia, espaço para a climatologia, eu organizei. Eu consegui que o professor Carlos Augusto (Figueiredo Monteiro) viesse de Brasília para cá. Ele estava tendo um conflito em Brasília, os alunos não gostavam dele, o maior climatologista da América! Então eu trouxe o Carlos Augusto para cá. Recebi as maiores bordoadas, o professor Aroldo: “mas ele é uma má pessoa!” Eu disse: “Eu estou levando em conta a qualidade dele”. Arrumei mesas, cadeiras, e ele orientou todo o material que deveria trazer para ele, e foi o último laboratório que eu tive a possibilidade de acompanhar.

SANTOS, 1950

Acervo CAPH/FFLCH-USP



Cena do embarque do professor Papy, onde se vê, da esquerda para direita: Aziz Nacib Ab'Sáber, Louis Papy, José Ribeiro de Araújo Filho, Renato Silveira Mendes e Ary França

SANTOS, 1962

Acervo CAPH/FFLCH-USP



Cena no porto de Santos, onde se observa, da esquerda para direita: Aziz Nacib Ab'Sáber, José Ribeiro de Araújo Filho e Denis Lacroix